

ENTREVISTA COM AUGUSTO LUIZ DUARTE LOPES SAMPAIO



Augusto Luiz Duarte Lopes Sampaio foi aluno da Escola de Sociologia e Política da PUC-Rio nos anos 1960 e tornou-se professor do Departamento de Economia a partir de 1968. Destacou-se como Vice-Reitor Para Assuntos Comunitários, onde ajudou a desenvolver um importante e pioneiro programa de bolsas e auxílios para estudantes pobres. Foi também Decano do Centro de Ciências Sociais (CCS). Esta entrevista foi concedida a Guilherme Ribeiro e a Maria Candida Vargas Frederico na sala de pós-graduação do Departamento de Ciências Sociais, no dia 9 de julho de 2024, pouco mais de cinco meses antes de falecer (23 de dezembro de 2024).¹

Guilherme Ribeiro - Augusto, você pode nos contar como foi a sua entrada nas Ciências Sociais? Por que escolheu esse curso, como era o contexto da época? Por que a PUC?

Augusto Sampaio - Eu acho que essa entrada vem quando eu começo a cair na realidade do Brasil, entendeu? Por aí. Vivi sempre num colégio interno, numa vila muito reservada, e quando eu saio... o último colégio interno foi a Academia Militar das Agulhas Negras. Eu seria hoje, se não tivesse continuado, um general de pijama, mas um general, com certeza. Mas eu saí porque eu vi que não tinha nada a ver comigo. E, justamente por ter saído, eu tive uma série de

¹ Agradecemos a seu filho, Marcelo, pela autorização da entrevista *post mortem*.

dificuldades com família, tive que sair de casa, e aí eu vivi um tempo buscando emprego, pensando no almoço, no jantar. Eu fiquei imaginando como é que o povo [conseguiu] — o povo, porque a gente imagina que isso é coisa [do passado] ... não, é bem recente. Se pegar a música popular brasileira, ela conta a história do povo — lata d'água na cabeça, “lá vai Maria, sobe o morro e não se cansa” —, está tudo lá. Então eu tive, mas por pouco tempo, graças a Deus, uma vivência, e ao viver com dificuldades tomamos consciência. Acho que começa por aí.

E eu tinha uma vocação que era política. Primeiro eu queria ser político. Eu encontro com um colega meu sociólogo, o Otávio Velho, que foi meu colega no Colégio Militar. Ele é um dos dois irmãos, o Otávio era do Colégio Militar, e o irmão dele, o Gilberto Velho, era do CAP;² eles são bem diferentes. Fiz Ciências Sociais no IFCS,³ na UFRJ, ali na Rio Branco. Quando fui me inscrever, tinham terminado as inscrições na véspera. E o Otávio falou da Sociologia da PUC, da Escola de Sociologia e Política. Mas como é que eu ia pagar a PUC? Não tinha condição, mas tudo bem. Consegui um dia, passei e fiz matrícula. Eu fiquei emocionado hoje quando cheguei aqui porque fizeram um espaço que era exatamente esse. É muito bom a sociologia preservar essa memória.

Vim para cá, chegou o final do ano — o regime era anual, não era semestral como agora —, e eu não tinha um tostão para pagar, então eu não ia renovar minha matrícula. Procurei o Padre Ávila, Fernando Bastos d'Ávila, que era o diretor, expliquei a ele, e ele me deu uma bolsa. Naquele momento eu avalei a importância de uma bolsa de estudos para estudar na PUC. Então a bolsa de estudos foi um presente na minha vida. Eu acho que ao viver a realidade nós sentimos como as coisas são realmente — não como numa fantasia, num livro. As experiências que eu tive não são tão graves como as pessoas têm, mas eu tive. Passar um ano, um ano e meio tentando ganhar um saláriozinho para poder se alimentar, pagar o aluguel, alguma coisa, me deu a consciência de o quanto esse Brasil precisa de cientistas sociais e pessoas que tenham esse olhar para a sociedade. Então a história começa por aí.

Maria Candida Vargas Frederico - Augusto, ao encontrar o Padre Ávila, o senhor conhece o solidarismo, o movimento solidarista?

Augusto Sampaio - Eu acho que o movimento solidarista foi uma excelente resposta para unir as pessoas que estavam contra o golpe; ou melhor, porque o golpe, a bem na verdade, foi apoiado pela classe média brasileira, pela Igreja católica; a alta sociedade, então, nem se fala. E, quando as pessoas vão tomando consciência do que é o fim da liberdade, elas vão mudando. Então foi uma resposta, porque as coisas começaram em 1964 meio devagar, e em 1968 já estava insuportável. E esse caminhar até 1968 demora, então eu acho que o movimento solidarista veio como uma opção de uma posição política antigolpe. Eu acho que foi muito importante, porque

² Colégio de Aplicação da antiga Faculdade Nacional de Filosofia, na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

³ Instituto de Filosofia e Ciências Sociais.



algumas pessoas ou foram pro tiro ou então se desinteressaram, “eu não quero mais nem saber de política”. E muita gente fazia isso. Eu acho que para a classe intelectual, o pessoal que lê, que estuda, o solidarismo cristão foi... o PSDB⁴ bem-criado [Risos.]

Maria Candida Vargas Frederico - Você pode falar mais um pouco desse momento do golpe aqui nas Ciências Sociais, as suas lembranças de 1964?

Augusto Sampaio - O golpe muda muitas coisas nas universidades. Desde espionagem, que ocorria em algumas aulas, sim, ou às vezes uma pessoa sentada que você via que não era... porque tinha um círculo-base, todo mundo misturado, mas você via quem não era aluno pelas perguntas, né, enfim, e tinha também uma pressão direta. A PUC teve um mérito nessa época de acolher professores das universidades federais que foram cassados — muitos professores. Pena que não estou lembrado, eu tinha que anotar. Mas foi muita, muita gente, e éramos vigiados o tempo inteiro; eu, pelo fato de um dia ter dado uma sugestão ao vice-reitor comunitário, falei “começa pela quinta sessão”, que eu expliquei, porque eu tinha uma vivência de Exército... Quer dizer, são relações públicas. O que a PUC iria fazer e fez realmente foi dar um recado: “Olha, essa vida está com vocês, por favor, vocês são os responsáveis pela vida”. Porque não podia fazer mais nada, não podia. Sempre que alguém era preso, era isso. Foi uma coisa, porque era um reitor da PUC, padre, que ia lá, fardado de padre, e ia lá dizer: “Olha, professor, você foi preso” ... E sempre diziam: “Você pode ficar preso e incomunicável durante dez dias. Pode ser solto daqui a pouco, mas pode ficar dez dias incomunicável. Em várias situações eu acompanhei o reitor também, para dar essas dicas de calma, enfim, e evitar problemas. Mas foi uma atitude da universidade. Agora o cerne desse pensamento político foi o Centro de Ciências Sociais, o CCS, foi a Escola de Sociologia e Política, que eu acho que influenciava a universidade de uma maneira muito positiva.

Maria Candida Vargas Frederico - E essa influência do curso de Ciências Sociais, Sociologia e Política que o senhor teve como sua primeira graduação: qual foi a relação dessa experiência com a sociologia quando o senhor assume a vice-reitoria comunitária?

Augusto Sampaio - Eu sou um eterno preocupado com essas situações sociais. Sempre me chamou a atenção, sempre, e todo mundo que se formou no passado vai confirmar, que a PUC não tinha pobre. A PUC não tinha pobre. Não tinha, não tinha. Porque tinha até às vezes uma mínima pessoa pobre cujo patrão ou patroa pagou a faculdade, mas pessoas das suas próprias origens não tinham. Nas formaturas, a alta sociedade do Rio de Janeiro estava lá. E eu dizia “poxa”. E a PUC tinha um programa de bolsas, mas era um programa de bolsas para a classe média. O pai da família vinha aqui assinar um documento se comprometendo a devolver à PUC, e na verdade muitas vezes talvez não devolvesse, mas a maioria devolvia. Pessoas, amigos meus,

⁴ Partido da Social Democracia Brasileira, criado em 1988.

amigas minhas, que estudaram aqui, de classe média, e que os pais depois devolviam, pagavam. Mas bolsa mesmo não tinha.

E o grande passo para isso foi a criação dos pré-vestibulares comunitários. Eu acho que o Frei David,⁵ um frei negro, franciscano, tem um mérito enorme nessa história, porque a partir de um pré-vestibular comunitário ele capacita esse jovem a entrar. Mas sempre tive essa preocupação. Eu ganhei esse presente de ser o vice-reitor comunitário, e sem nenhuma restrição. Falaram: “Faz a sua política aí”. E começamos.

Gosto de dar nome às pessoas que me ajudaram: a professora Luiza Helena Nunes Ermel, do Departamento de Serviço Social, que me apresentou ao trabalho do Frei David lá na Baixada Fluminense. Fui visitar e fiquei encantado com aquilo; fiquei encantado, realmente. E aí abrimos o vestibular, mas o pobre, o próprio pobre, tinha medo de vir para a PUC. Sobre essa turma de Serviço Social, me lembro de que dei uma aula de Introdução à Economia para eles; ou melhor, elas, pois só tinham meninas. Talvez tivesse algum menino também.

Os professores me perguntavam: “Como é que vai ser?”. Naturalmente começou um grupo primeiro pequeno em Serviço Social, depois isso foi se ampliando, e nós chegamos a esse contingente que me orgulha de bolsas para pobres. Porque o aluno, para ter uma bolsa de ação social, tem que comprovar com documento. Não é “eu sou pobre”, entendeu?

Eu me lembro de um senhor que abriu um pré-vestibular comunitário naquela comunidade que tem lá em Laranjeiras, e fui visitar. Era um engenheiro, e eu cumprimentei, disse: “Pô, que legal”. Depois, a filha dele fez vestibular para cá, e veio num grupo também, e eu disse: “Não, a sua filha não”. [Risos.] Ele era engenheiro, uma pessoa de renda alta — é medida de critério —, então a bolsa não é dada. A pessoa comprova a necessidade, com a renda salarial *per capita* média não podendo ser superior a meio salário-mínimo. É um negócio bem rígido, e funciona. Isso abriu e tornou a universidade da PUC realmente católica na sua essência; não só comunitária porque a lei permite, mas porque é a nossa obrigação. Hoje nós temos no nosso entorno aqui a Rocinha, Parque da Cidade, Dona Marta e lideranças daqui que atuam lá, que chamam a atenção dos alunos para a PUC. É muito bom, eu acho que é um motivo de orgulho para a universidade católica.

Eu acho que a Igreja também tem isso e tem que ter, né? Porque não tem como ter só rico. Não vamos fechar a porta para o rico, é bom porque ele paga o nosso salário, tudo bem. Mas não podemos achar que o mundo acaba por aí. A primeira diretora negra professora da PUC foi a Lélia González. Acho que não podemos recuar. Eu acho que a luta agora é para que se aumente as bolsas ou pelo menos não se recue. Vocês não avaliam quando o padre Ávila falou “Você está com uma bolsa”, a satisfação, a felicidade que eu senti... E eu era um cara de classe média... Enfim, mas o impacto emocional e a vontade de dividir — é engraçado, naturalmente você tem

⁵ Frei David Raimundo Santos foi um dos idealizadores do Pré-Vestibular para Negros e Carentes (PVNC).



vontade de dividir isso, de ampliar. Eu acho que a PUC hoje tem um pastoral preocupado... Que bom, que bom, que bom.

A missão agora é... A sociologia tem muita história. Eu falei hoje também, conversando com vocês: o Núcleo de Estudos sobre a Mulher (NEM) foi pioneiro. O primeiro grupo acadêmico sobre mulher, o espaço físico, biblioteca, foi tudo o Núcleo de Estudos sobre a Mulher. Então onde é que foi o erro da PUC? Deixar acabar. Tá bom, a professora que criou, Fanny Tabak, sai, mas continuam as pessoas. Apesar de ficar triste com esses recuos, amo essa universidade. É um negócio de casamento que não tem jeito.

Guilherme Ribeiro - Então, na década de 1960 você começa com Ciências Sociais aqui, depois vai para a Economia, e na década de 1990 se torna vice-reitor comunitário. Nessas décadas, qual é o seu contato com Ciências Sociais? Qual é a sua impressão, quais são as memórias desse período?

Augusto Sampaio - Até chegar à vice-reitoria, eu ocupei outros cargos aqui. Porque, quando eu entrei na PUC como professor, a reforma universitária estava começando, cujo grande ideólogo foi o Padre Amaral,⁶ que vivia em Brasília, era um padre jesuíta, foi vice-reitor acadêmico. E os professores que foram daqui do CCS, os professores de geopolítica, lideraram isso no CCS. O Eurico Borba foi decano também; depois foi um outro decano, o Isaac Kerstenetzky, professor de economia e economista, é claro, mas também dava aula de sociologia. Enfim, a origem veio muito daqui.

Quando criaram a coordenação de pós-graduação, o primeiro departamento que teve pós-graduação reconhecida foi Serviço Social. A trajetória do Serviço Social aqui foi muito, muito importante. Eu fui também decano, fui coordenador setorial de pós-graduação para poder montar essa pós-graduação primeiro. Fui sempre muito chamado para ações que não tinham nada a ver com a vida acadêmica em si, porém que foram fundamentais para podermos reestruturar a universidade. Então, quando tinha uma crise, chamavam o Augusto — um apagador de incêndio, às vezes. Foi bom, foi bom.

Maria Candida Vargas Frederico - O curso de Ciências Sociais representa na universidade hoje, inclusive, uma grande presença de alunos que vêm da escola pública, alunos pobres, filhos de trabalhadores. Como você vê as ciências sociais hoje representando esses alunos?

Augusto Sampaio - Eu acho que as ciências sociais ficaram muito abandonadas. Elas estão com uma chance enorme de recuperar uma vanguarda. Porque eu tenho a impressão de que esse mundo moderno que nos é imposto está chegando ao momento de questionamento desse tipo de vida, entendeu? Eu acho. E vai ser o pensamento social que vai sugerir alguma coisa para

⁶ Padre Antônio Geraldo Amaral Rosa, falecido em 2003, além de vice-reitor acadêmico, era professor na Escola de Engenharia da PUC-Rio.

preencher esse espaço. Eu já vejo muita gente mais jovem, bem mais jovem que eu, dizendo também que realmente está um absurdo. As relações humanas, então, acabaram, o olho no olho acabou. Nós vemos imagens. Hoje nós vemos somente imagens.

Eu acho que esse momento está começando a mudar. Já vejo jovens concordando com coisas que eu coloco, enfim, mas isso é um desafio. Fico preocupado quando numa instituição se coloca tudo no protocolo. O problema acadêmico, o problema financeiro, pode ser colocado no protocolo. Mas às vezes o problema humano, problema social, você tem que olhar no olho da pessoa e falar. Eu acho que algumas mudanças vão ocorrer e não vai demorar muito não, porque eu acho que a população está começando a sentir que nós estamos enveredando para um caminho em que, de repente, você vê que fulano de tal tem 20 milhões de seguidores. E aí nós paramos para pensar: o que essa pessoa pode falar para mim? Nada, nada, nada. Eu acho que esse mundo começa a ser questionado, e eu acho que nesse questionamento, nessa mudança, as ciências sociais terão um papel fundamental para atuar e construir um mundo novo. Eu acho assim. Não sei se eu vou estar vivo para ver, mas vem alguma coisa, não é possível. Questione, não precisa nem ser um estudioso disso ou daquilo. Algumas mudanças eu não entendo. Mas, depois, eu acho que as ciências sociais vão entrar com todo o poder para poder mostrar os caminhos. Eu acho que é por aí.

Guilherme Ribeiro - Em 1992, você era vice-reitor comunitário; em 1993, é criado o Pré-Vestibular para Negros e Carentes (PVNC); ao longo do tempo, chegam as bolsas sociais. Nesse período, entre a década de 1990 e o início dos anos 2000, qual é a sua interlocução com o Departamento de Ciências Sociais? Como era o diálogo, pode contar para a gente?

Augusto Sampaio - Olha, o diálogo com ciências sociais sempre foi muito fácil, porque o Departamento vê nas bolsas de estudo para pessoas pobres, para negros, carentes, primeiro como uma coisa certa, né. Então não há conflito. Nos outros departamentos é diferente. Eu já vi uma professora uma vez me questionar: “Augusto, esses jovens não têm uma formação cultural, nunca foram no Museu do Louvre”. Eu falei: “É, mas você já foi ver o jongo da Serrinha?”. E ela: “Não, o que é isso?”. Pois é. Por incrível que pareça, algumas pessoas questionavam isso. Para elas, a pobreza é invisível: “não quero ver, não quero nem saber”. Então é por aí que eu acho. Dizem que as frustrações estão surgindo e as ciências sociais têm grandes recados para passar, eu acho. Penso assim. Sonhar não custa nada, né.